

LINGUASAGEM

O ENSINO REMOTO NA UFRN: PERCEPÇÕES DE DISCENTES DO CERES

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento¹
Yasmin Rayane Mariz da Silva²

RESUMO

Este trabalho investiga as percepções de discentes do Centro de Ensino Superior do Seridó acerca do Ensino Remoto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. De modo específico, analisa, nos discursos dos discentes, as valorações apreciativas, as vantagens e as desvantagens do ensino remoto. A pesquisa conjuga dois métodos de abordagem, a saber, o qualitativo e o quantitativo. Como instrumento de coleta de dados, utiliza um questionário *on-line*. Os dados mostram, entre outras vantagens: (i) a diminuição dos riscos de contaminação pela Covid-19; (ii) a dispensa de deslocamento para o campus; (iii) a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, considerando a flexibilização para organizar cronograma de estudo; (iv) a possibilidade do desenvolvimento de habilidades para utilizar ferramentas tecnológicas. E, entre outras desvantagens: (i) problemas com a falta/falha de internet; (ii) a sobrecarga de tarefas assíncronas; (iii) dificuldade na absorção dos conteúdos; (iv) ambientes de estudos inadequados; (v) sobrecarga de afazeres domésticos e baixo desempenho na aprendizagem. Os resultados deste estudo, na medida em que mapeiam as percepções de discentes, evidenciam que o ensino remoto aprofundou as desigualdades sociais no âmbito do ensino superior, pois prejudicou a aprendizagem de grupos menos privilegiados socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Percepções valorativas; Ensino Remoto; Enunciado; Vantagens e desvantagens.

ABSTRACT

This work investigates the perceptions of students of the Centro de Ensino Superior do Seridó about the Remote Education at the Federal University of Rio Grande do Norte. Specifically, it analyzes, in the discourses of the students, the appreciative valuations, the advantages and disadvantages of remote learning. The research combines two methods of approach, namely qualitative and quantitative. As a data collection instrument, it uses an online questionnaire. The data show, among other advantages: (i) the reduction of risks of contamination by Covid-19; (ii) exemption from commuting to the campus; (iii) the possibility of reconciling work and study, considering the flexibility to organise study schedules; (iv) the possibility of developing skills to use technological tools. And, among other disadvantages: (i) problems with internet lack/failure; (ii) the overload of asynchronous tasks; (iii) difficulty in absorbing content; (iv) inadequate study environments; (v) housework overload and low performance in learning. The results of this study, as they map the perceptions of students, show that the remote education has deepened social

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Metodologias de Ensino e Processos de Aprendizagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ilderlandio.nascimento@ufrn.br.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E-mail: marizyasmin@gmail.com.

inequalities in higher education, because it has harmed the learning of socially less privileged groups.

KEYWORDS: Value perceptions; Remote teaching; Utterance; Advantages and disadvantages.

Introdução

O surgimento e intensidade da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Covid-19), a partir do primeiro semestre de 2020, impactou significativamente todas as áreas e esferas da sociedade. No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi registrado no final de fevereiro de 2020. Como bem sintetizou Pereira (2021), governos estaduais e municipais do país iniciaram um conjunto de medidas preventivas e, ao mesmo tempo, restritivas, a fim de evitar a chegada e, sobretudo, a proliferação do vírus. Assim, medidas foram tomadas, como *lockdown*, isolamento social e fechamento de todas as escolas públicas brasileiras.

Santos *et al.* (2021) fazem uma leitura da educação superior durante a pandemia da Covid-19. Segundo esses autores, apontando que a educação foi um setor muito afetado, “[...] as escolas e Instituições de Educação Superior (IES) fecharam suas ‘portas’ e, frente a essa realidade, tiveram que reinventar-se por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE)” (Santos *et al.* 2021, p. 110, grifo dos autores). Esse ERE se configurou como continuidade das atividades por meios virtuais, envolvendo interações síncronas e/ou assíncronas. Por outro lado, na crítica que tecem o ensino remoto, Saviani e Galvão (2021) dizem que o discurso de adesão por falta de alternativa é falacioso. Saviani e Galvão (2021, p. 38, grifo dos autores) mencionam que, “[...] no caso das Universidades Federais, todas elas (sessenta e nove unidades) adotaram o ‘ensino’ remoto, totalizando mais de um milhão e cem mil estudantes de graduação”.

No caso específico da *Universidade Federal do Rio Grande do Norte* (UFRN), na busca por meios/estratégias para tentar sanar prejuízos maiores no que compreende o ensino e a aprendizagem, foi criado o *Período Letivo Suplementar Excepcional* para discentes e docentes. Esse ensino remoto passou a ser regulado pela Resolução N° 023/2020-CONSEPE, de 01 de junho de 2020. A oferta de atividades acadêmicas no formato remoto, conforme expresso no parágrafo único do Art. 1° da referida Resolução, apresenta, como propósito, oferecer um ecossistema educacional que forneça acesso temporário e planejado a suportes de ensino e instrução, em resposta ao fechamento de escolas e universidades em tempos de crises e em formato de ensino distinto da Educação

à Distância, que é uma modalidade de ensino planejada com proposta pedagógica, materiais, ambiente e formato próprios.

Cabe destacar, assim, que o ensino remoto proposto é distinto da Educação à Distância. Na leitura de Saviani e Galvão (2021, p. 38, grifos dos autores):

A expressão *ensino remoto* passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita.

Com essa distinção, no primeiro momento, houve um esforço no sentido de orientar quanto às especificidades do ensino remoto. Cabe citar, por exemplo, os cadernos *Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas* (Garcia et al, s.d.) e *Ensino remoto emergencial: orientações básicas para elaboração do plano de aula* (Morais et al, s.d.), elaborados para orientar professores em suas atividades remotas.

Diante de práticas de ensino, pesquisa e extensão no cenário pandêmico, surgiu a necessidade de pesquisas que dessem conta de compreender como o ensino remoto estava sendo recebido/concebido pela comunidade acadêmica. Assim, a pesquisa intitulada *O período suplementar excepcional na UFRN: percepções de discentes e de docentes do CERES³* investigou as percepções de docentes e de discentes do *Centro de Ensino Superior do Seridó* (CERES-UFRN). Como objetivos específicos, a pesquisa buscou (i) identificar as vantagens e as desvantagens do ensino remoto, no discurso de discentes e de docentes; (ii) conhecer as avaliações apreciativas dos discentes e dos docentes quanto ao ensino remoto; (iii) identificar, nos discursos dos discentes e dos docentes, os entraves que o ensino remoto apresentou para o processo de ensino e aprendizagem, procurando observar esses entraves na especificidade do curso e da disciplina; (iv) mapear as percepções dos discentes e dos docentes acerca das práticas interativas via plataformas digitais, tendo em vista o processo formativo, considerando a especificidade do curso e da disciplina; (v) fazer um levantamento das impressões dos discentes e dos docentes acerca do futuro da universidade e sua relação com as práticas de ensino remoto.

³A pesquisa recebeu apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRN, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) (Edital N° 05/2020-PROPESQ/UFRN).

Neste artigo, publicamos alguns achados da referida pesquisa. Mais precisamente, apresentamos dados e discussões que respondem às seguintes questões: (i) quais as vantagens do ensino remoto nos discursos dos discentes?; (ii) quais as desvantagens do ensino remoto nos discursos dos discentes?; e (iii) que avaliações apreciativas os discentes enunciam em relação ao ensino remoto? Os resultados deste estudo, na medida em que mapeiam as percepções de discentes acerca do Período Suplementar ofertado pela UFRN, permitem evidenciar como a comunidade acadêmica do CERES experienciou tal período durante o enfrentamento da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) e possibilitam, também, fazer reflexões acerca do cenário educacional pós-pandemia.

Ensino remoto: algumas considerações

O Ensino Remoto (ER) surgiu diante da crise sanitária no Brasil, com a confirmação dos primeiros casos de Covid-19. Essa doença infecciosa, causada pelo vírus SARS-CoV-2, possuiu alto potencial de contágio. O vírus foi identificado inicialmente em Wuhan, província de Hubei, na China, no final de 2019, onde deu início a uma epidemia que rapidamente se espalhou para outras partes do mundo, sendo declarada pandemia em março de 2020.

No Brasil, a Portaria nº 343 e o Parecer CNE/CP nº 5/2020⁴ foram documentos que normatizaram a continuidade das atividades escolares durante a pandemia da Covid-19. Ao dispor sobre a reorganização do calendário escolar e permitir o cômputo de atividades não presenciais para cumprimento da carga horária mínima anual, essas normativas buscaram mitigar os impactos da suspensão das aulas presenciais e garantir a continuidade do processo educacional.

A flexibilização do calendário e das práticas pedagógicas demandou esforços adicionais das escolas para reestruturar conteúdos e adaptar metodologias, muitas vezes sem suporte técnico ou financeiro adequado. Assim, o ensino remoto emergiu como uma alternativa para evitar a interrupção total da educação presencial. Moreira e Schlemmer (2020) definem o ensino remoto como uma abordagem que mantém os cursos, currículos e metodologias presenciais, mas adapta essas práticas para o ambiente digital, enfatizando

⁴ Dispõe sobre a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em: 11 fev. 2025.

o distanciamento geográfico entre professores e alunos. Segundo Moreira e Schlemmer, 2020, p. 8-9),

o termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes [...]. Nessa modalidade, o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede.

Como se nota, Moreira e Schlemmer (2020) destacam uma característica central do ensino remoto, a saber, o distanciamento geográfico entre professores e estudantes, que é compensado pela utilização de meios digitais em rede. Um ponto importante levantado é que, nessa modalidade, as práticas pedagógicas e os elementos do ensino presencial são transpostos diretamente para o ambiente virtual. Evidentemente, como se viu, esse aspecto suscita reflexões críticas, pois a simples transposição de metodologias presenciais para o formato remoto pode não atender plenamente às necessidades de interação, engajamento e aprendizagem dos estudantes em um contexto mediado por tecnologias.

Além disso, a transposição direta de metodologias do ensino presencial para o ambiente virtual muitas vezes não considerou as especificidades das dinâmicas *on-line*, como a necessidade de maior autonomia do aluno e o uso de recursos interativos para engajamento. A falta de preparo de muitos professores para utilizar ferramentas digitais e a ausência de estratégias pedagógicas específicas para o ensino remoto também contribuíram para a superficialidade do processo educativo. Consequentemente, o *lockdown* não apenas revelou desigualdades estruturais, mas também ressaltou a urgência de políticas públicas que garantissem a inclusão digital e o suporte socioemocional em situações emergenciais.

Ainda, a compreensão do que se entende por Ensino Remoto, na definição de Hodges *et al* (2020, p. 6), “envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para o ensino que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos híbridos”. Ademais, quanto aos objetivos, o Ensino Remoto visou “fornecer acesso temporário a suportes e conteúdos educacionais de maneira rápida, fácil de configurar e confiável, durante uma emergência ou crise” (Hodges *et al*, 2020, p. 6).

Para que o ensino remoto fosse inclusivo e acessível, condições básicas precisavam ser atendidas. Saviani e Galvão (2020, p. 38) destacam a importância de “aparelhos tecnológicos adequados e *internet* de qualidade para acesso às aulas; familiaridade dos estudantes e professores com as novas tecnologias e formação de professores para o uso pedagógico de ferramentas virtuais”. Segundo Hodges *et al* (2020), o ensino remoto é caracterizado como uma solução temporária que permite o acesso a conteúdos educacionais durante emergências ou crises, configurando-se como uma adaptação necessária diante da pandemia.

No âmbito do ensino superior, as universidades também precisaram adotar o ensino remoto. Na *Universidade Federal do Rio Grande do Norte* (UFRN), essa abordagem foi implementada por meio de aulas síncronas e assíncronas, utilizando plataformas digitais.

Na prática, entretanto, seja na educação ou no ensino superior, o ensino remoto trouxe impactos diversos. Um aspecto significativo do ensino remoto que merece atenção é o impacto emocional. A ruptura abrupta com a convivência presencial, associada ao isolamento social e ao uso intensivo de ferramentas digitais, trouxe desafios para professores, estudantes e suas famílias. Muitos alunos enfrentaram sentimentos de solidão, ansiedade e desmotivação (Araújo, 2024), decorrentes da falta de interação direta com colegas e professores, além da dificuldade de adaptação a uma rotina de estudos mediada exclusivamente por telas.

Para os professores, o aumento da carga de trabalho e a necessidade de desenvolver rapidamente competências tecnológicas geraram estresse e esgotamento emocional (Nascimento; Silva, 2021). Adicionalmente, o ambiente doméstico, que passou a acumular as funções de espaço de trabalho e vida pessoal, contribuiu para uma sensação de sobrecarga mental.

Enunciado e percepção valorativa

Na perspectiva dos estudos de Mikhail Bakhtin (2011), Valentin Volóchinov (2017) e Pável Medviédev (2016), as noções de *enunciado* e de *percepção valorativa* não se apresentam de forma isolada, mas numa teia de imbricações, interrelações e implicações. Desse modo, ao discutir a noção de *enunciado*, por exemplo, ao mesmo tempo, tocamos necessariamente nas noções de sujeito enunciativo, ideologia, esfera da atividade humana, gêneros do discurso etc. Assim, *enunciado* e *percepção valorativa*

aparecem, neste artigo, como noções-satélites, que se relacionam diretamente com outras noções. Nesse caso, operamos uma ação de ênfase dessas noções, tendo em vista os objetivos do estudo.

O *enunciado*, numa conceituação ampla, é a efetivação concreta do uso da língua. Nos termos de Bakhtin (2011), o enunciado é a *unidade real da comunicação discursiva*. Os enunciados possuem autoria, sujeitos enunciadore, uma natureza ativamente responsiva e estão relacionados aos campos da atividade humana. Segundo Bakhtin (2011), os enunciados refletem (e refratam) as condições e as finalidades desses campos. Esse reflexo pode ser percebido nas escolhas que o autor faz ao construir o conteúdo temático, no estilo de linguagem, na construção composicional. De acordo com Bakhtin (2011, p. 262), “[...] esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”.

O enunciado é a materialização do discurso. Essa leitura é uma inferência da seguinte formulação de Bakhtin (2011, p. 174): “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. Já quanto a sua dimensão, o enunciado pode apresentar vários volumes, por exemplo, um romance, mas também pode “[...] ser construído a partir de uma oração, de uma palavra, por assim dizer, de uma unidade do discurso” (Bakhtin, 2011, p. 278).

Ressaltando a natureza social e histórica do enunciado, Medviédev (2016, p. 184) pontua que

[...] a própria presença peculiar do enunciado é histórica e socialmente significativa. Da categoria de uma realidade natural, ela passa para a categoria de uma realidade histórica. O enunciado já não é um corpo nem um processo físico, mas um acontecimento da história, mesmo que seja infinitamente pequeno. Sua peculiaridade é a peculiaridade de uma realização histórica em determinada época e com determinadas condições sociais. É a singularidade de um ato histórico-social, diferente em princípio da singularidade de um objeto ou processo físico.

Como podemos perceber, o enunciado é um acontecimento da história, mesmo que seja constituído de apenas uma palavra. Medviédev (2016) ressalta o fato de o enunciado surgir em determinadas condições sociais. São essas condições que determinam sua natureza, conteúdo, estilo, e construção composicional. E mais: as condições sociais levam o sujeito enunciadore a assumir determinadas posições, que são sempre valorativas. Com isso, todo enunciado, na sua natureza ativa e responsiva,

expressa uma tomada de posição de um sujeito enunciador em determinadas condições sociais.

Assim, todo enunciado marca a posição expressiva do sujeito enunciador, ou seja, o enunciado pleno expressa a posição individual do sujeito em uma situação concreta de comunicação discursiva (Bakhtin, 2011). Esse elemento é um dos mais significativos para os efeitos interpretativos deste estudo, pois permite-nos compreender as posições, as valorações, as percepções dos discentes, a partir da análise de seus depoimentos.

A noção de *percepção valorativa*, por sua vez, precisa ser entendida na sua relação direta com a materialidade linguística. Essa compreensão está presente em postulações como a feita por Bakhtin (2011, p. 300), ao dizer que “[...] uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião, sempre têm uma expressão verbalizada”. Ainda, concebemos como percepção valorativa uma visão de mundo, um ponto de vista, uma opinião, uma corrente de pensamento; ou seja, percepção valorativa é usada em sentido macro.

Nesse entendimento, as percepções incluem as opiniões, a visão de mundo, os pontos de vista, as ideias, as crenças. E mais: essas percepções valorativas são ideológicas. Outro termo que contempla a noção de percepção valorativa é *axiologia*, que tem a ver com os valores, com os posicionamentos que o sujeito enunciador assume nos processos interacionais. Além disso, as percepções não são abstrações, mas se materializam na linguagem, nos enunciados.

Medviédev (2016) apresenta a relação entre as concepções e as palavras com bastante propriedade. Conforme esse estudioso

as concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (Medviédev, 2016, p. 48, grifo do autor).

Tal afirmação mostra que as concepções de mundo, as percepções valorativas, as crenças, existem na realidade material, quando realizadas em formas de palavras, em ações, em materiais, como roupa e objetos. As *percepções ideológicas*, consoante o referido autor, são criadas pela coletividade, que também cria formas específicas de comunicação social. Em decorrência disso, cabe frisar, as percepções são passíveis de

identificação e investigação, pois ganham materialidade em forma de algum signo, como as palavras.

Essa relação entre percepção valorativa e língua/linguagem é intrínseca, já que, de acordo com Bakhtin (2011, p. 264), “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. De acordo com esse mesmo pensador, o enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional. Em outros termos, é no enunciado que percebemos a língua integrar a vida e a vida integrar a língua. Essa integração dinâmica e viva é a seiva que nutre as percepções valorativas.

Tal compreensão foi bem lapidada por Volochínov (2013, p. 77), quando diz que a “[...] palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido”. O autor entende ainda que “[...] uma enunciação da vida real, enquanto um todo pleno de sentido, compõe-se de duas partes: 1) de uma parte realizada verbalmente e 2) do subentendido” (Volóchinov, 2013, p. 79). Ele pontua que é a *entonação* que estabelece a relação entre a palavra e a vida, sendo essa entonação social por excelência.

Volóchinov (2017) discute a percepção enquanto ato diante de outros discursos. Nesse sentido, compreender as percepções é compreender a construção de realidades, é compreender pontos de vista, subjetividades, signos, que refletem e refratam uma outra realidade, “[...] sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (Volóchinov, 2017, p. 93).

Ademais, Nascimento e Silva (2021), assumindo a perspectiva da filosofia da linguagem dos estudiosos supracitados, enfatizam que as percepções não são o resultado ou o produto do subjetivismo individualista. Eles argumentam que “[...] as percepções são compreendidas enquanto posicionamentos de sujeitos sócio-históricos situados, que compartilham um horizonte social discursivo” (Nascimento; Silva, 2021, p. 62). Esses autores sublinham que, ao enunciar, o sujeito enunciador compartilha, com outros sujeitos, um horizonte enorme de ideias, crenças, sentimentos, narrativas, discursos, percepções. “Desse modo, as percepções são valorativas, porque expressam valores e valoram o objeto/tema do discurso” (Nascimento; Silva, 2021, p. 62).

Além disso, Nascimento e Silva (2021, p. 62) compreendem que “[...] a percepção valorativa é uma tomada de posicionamento, uma resposta responsivo-ativa ao discurso do outro”. Eles também colocam a percepção valorativa em relação direta com a noção

de *responsividade*, já que a noção de responsividade diz respeito à assinatura autoral que todo enunciado apresenta. Os mesmos autores concluem esse entendimento dizendo que “todo enunciado apresenta um sujeito que se responsabiliza pelo ato, que assume um posicionamento entre outros posicionamentos” (Nascimento; Silva, 2021, p. 62).

Feito esse breve apanhado teórico-conceitual, na próxima seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos deste estudo e, em seguida, discutiremos os resultados de nossa análise. Para isso, quando necessário, laçaremos mão da fundamentação teórica para embasar nossa compreensão dos achados da investigação.

Metodologia

Esta pesquisa adentra aos estudos das ciências humanas, focalizando o aspecto expressivo do ser humano, sua capacidade de exprimir a si mesmo (Bakhtin, 2011). Quanto à abordagem, a pesquisa conjugou dois métodos, a saber, o qualitativo e o quantitativo, tendo em vista a compreensão e a explicação dos achados, pois “[...] o número ajuda a explicitar a dimensão qualitativa” (André, 1995, p. 24).

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário *on-line*, tendo em vista a colaboração de um número expressivo de discentes. O questionário foi amplamente divulgado entre a comunidade acadêmica entre os meses de fevereiro a junho de 2021. Aproximadamente 200 colaboradores/discentes do CERES responderam ao questionário. A maioria deles estava cursando os primeiros períodos (do 1º ao 4º), com idade entre 16 e 25 anos (133 discentes). Grande parte afirmou não morar em Caicó (84 discentes). Responderam ao questionário discentes dos cursos de Pedagogia, Geografia (licenciatura e bacharelado), História, Direito, Sistema de Informação, Matemática, Ciências Contábeis.

A noção de percepção foi desenvolvida a partir do diálogo com os estudos enunciativo-discursivos bakhtinianos. Essa noção denota os pontos de vista, as valorações, as tomadas de posição do sujeito do discurso, do sujeito que enuncia. Por fim, cabe dizer que, após coleta dos dados, categorizamos percepções e formulamos gráficos, tendo em vista a apresentação e a análise. Também selecionamos enunciados/respostas que consideramos mais representativas para esta análise.

Discussão dos resultados

Neste estudo, buscamos responder às seguintes questões: (i) quais as vantagens do ensino remoto nos discursos dos discentes?; (ii) quais as desvantagens do ensino remoto nos discursos dos discentes?; e (iii) que valorações apreciativas os discentes enunciam em relação ao ensino remoto? Com tais questão em foco, primeiro, apresentaremos dois gráficos com dados referentes às vantagens e às desvantagens, visando responder às duas primeiras questões. Logo depois, mostraremos e analisaremos alguns enunciados dos discentes, tendo em vista compreender as valorações apreciativas sobre o ensino remoto.

Uma das primeiras questões da pesquisa procurou saber quais as vantagens do ensino remoto na perspectiva dos discentes. O gráfico 1 mostra, em termos quantitativos, as principais vantagens apontadas pelos discentes.

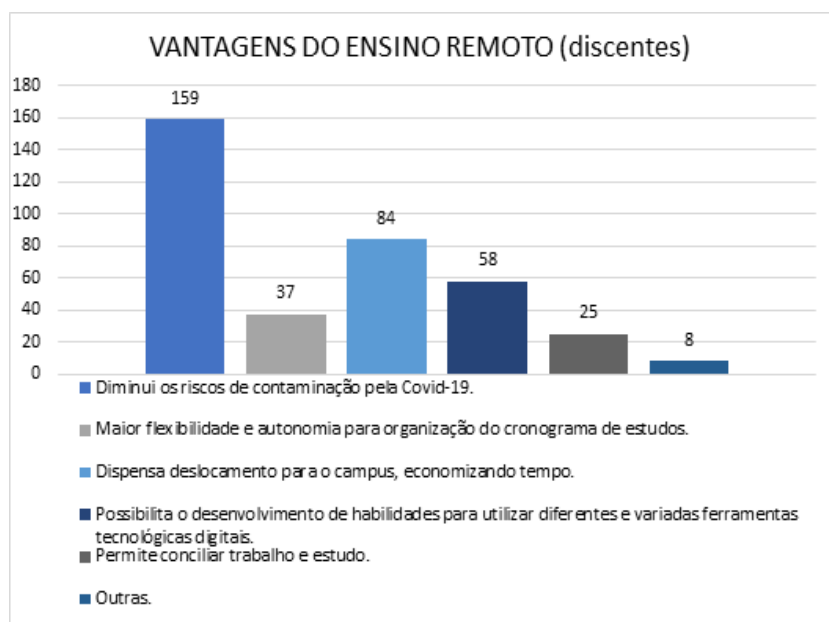


Gráfico 1 - As vantagens do Ensino Remoto⁵

Conforme apresentado no gráfico 1, a pesquisa mapeou quatro vantagens significativas do ensino remoto nos discursos dos discentes. Seguindo uma ordem decrescente de vantagens relevantes, temos: (i) a *diminuição dos riscos de contaminação pela Covid-19* (159); (ii) a *dispensa de deslocamento para o campus* (84); (iii) a *possibilidade de conciliar trabalho e estudo, considerando a flexibilização para*

⁵ Fonte: Banco de dados da pesquisa *O período suplementar excepcional na UFRN: percepções de discentes e de docentes do CERES*.

organizar cronograma de estudo (62); (iv) *a possibilidade do desenvolvimento de habilidades para utilizar ferramentas tecnológicas* (8).

A *diminuição dos riscos de contaminação pela Covid-19* aparece como principal vantagem. Esse dado pode indicar os efeitos da recepção dos discursos sobre os perigos da Covid-19 por parte da comunidade acadêmica, pois havia uma preocupação primeira com a contaminação. Além disso, no segundo semestre de 2020, momento em que foi realizada a pesquisa, ainda não havia vacinas contra a Covid-19 no Brasil. Ao mesmo tempo, os efeitos do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) eram desconhecidos. Assim, o ensino remoto, ao garantir o distanciamento social, aparece como principal medida para diminuir os riscos de contaminação. Com isso, ressaltamos que os dados da pesquisa refletem a mentalidade predominante da comunidade acadêmica em um momento específico no enfrentamento da Covid-19.

Além da vantagem já analisada, os discentes apontaram *a dispensa de deslocamento para o campus e a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, considerando a flexibilização para organizar cronograma de estudo* como vantagens decorrentes do ensino remoto. Essas vantagens também refletem o contexto socioeconômico da região, pois tais vantagens dizem respeito aos custos decorrentes dos deslocamentos até o CERES, já que muitos discentes não residiam em Caicó e precisavam pagar transporte.

Retomando a filosofia da linguagem de Bakhtin, os enunciados que materializam essas vantagens estabelecem “contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal)” (Bakhtin, 2011, p. 278). E, na discussão empreendida por Medviédev (2016, p. 56), a “[...] consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade”. Assim, a preocupação com os custos das viagens e a busca por conciliar trabalho e estudo, ganha sentido quando levamos em conta que a grande maioria dos estudantes são filhas e filhos de trabalhadores, que moram numa região ainda muito desassistida do país.

Além disso, cabe destacar que a dedicação exclusiva aos estudos é um privilégio que poucos estudantes nordestinos, no caso específico, da região do Seridó potiguar, possuem. É a partir dessa perspectiva mais geral que precisamos entender o porquê de os discentes mencionarem a *dispensa de deslocamento para o campus e a possibilidade de conciliar trabalho e estudo* como vantagens trazidas pelo ensino remoto.

Mas o ensino remoto também apresenta suas desvantagens. A pesquisa procurou saber dos discentes quais as principais desvantagens do ensino remoto. O gráfico 2 apresenta as principais desvantagens, considerando a recorrência quantitativa.

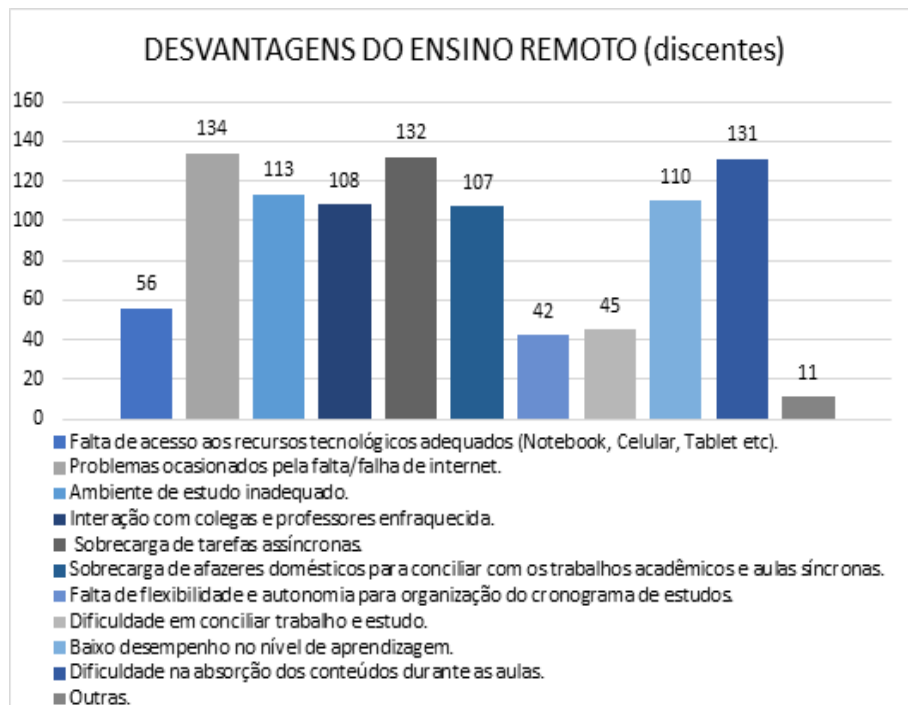


Gráfico 2 - As desvantagens do Ensino Remoto⁶

Conforme o gráfico 2, os discentes apontaram mais de dez desvantagens. Considerando a recorrência, temos: (i) *problemas com a falta/falha de internet* (134); (ii) *a sobrecarga de tarefas assíncronas* (132); (iii) *dificuldade na absorção dos conteúdos* (131); (iv) *ambientes de estudos inadequados* (113); (v) *interação com colegas e professores enfraquecida* (108); (vi) *sobrecarga de afazeres domésticos e baixo desempenho na aprendizagem* (107); (vii) *falta de acesso aos recursos tecnológicos adequados (notebook, celular, tablet etc)* (56); (viii) *dificuldades para conciliar trabalho e estudo* (45); (ix) *falta de flexibilidade e autonomia para organizar os estudos* (45).

De acordo com esses dados, as desvantagens revelam o quanto o ensino remoto precarizou a formação acadêmica durante a pandemia. São desvantagens que se interseccionam. Além disso, elas afetam diretamente o básico e o essencial do ensino remoto, por exemplo, as desvantagens (i), (ii) e (iii) apontam problemas com a internet, a sobrecarga de tarefas assíncronas e dificuldades na absorção dos conteúdos. Essas

⁶ Fonte: Banco de dados da pesquisa *O período suplementar excepcional na UFRN: percepções de discentes e de docentes do CERES*.

desvantagens indicam que barreiras fundamentais não foram superadas, tendo em vista um ensino remoto de qualidade para todos.

Um aspecto que também merece realce diz respeito às desvantagens (vi) e (viii), que expressam a realidade de muitos estudantes, a saber, a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. No caso da desvantagem (vi), possivelmente, revela a situação mais crítica das mulheres na pandemia, já que essa era, e ainda é, a classe que se delega o trabalho doméstico. Esse recorte de gênero não pode passar despercebido nesta análise.

Nesse caso, por estarem em casa, conciliar os estudos com o trabalho doméstico aparece como desvantagem significativa. Ao mesmo tempo, essa desvantagem não tem o mesmo peso para homens e mulheres, pois são elas que de fato ainda são responsáveis pelo trabalho doméstico, tendo que, muitas vezes, acumular jornada tripla (trabalho fora de casa, trabalho doméstico, estudo).

Ressaltamos que a desvantagem (vi) relaciona a *sobrecarga de afazeres domésticos* com o *baixo desempenho na aprendizagem*, ou seja, as implicações recaem sobre a aprendizagem. Esse aspecto desvantajoso dialoga com (ii) *a sobrecarga de tarefas assíncronas* e com (iii) *dificuldades na absorção dos conteúdos*. Ou seja, no caso das mulheres que desempenham o trabalho doméstico, é inevitável a sobrecarga de tarefas assíncronas. Consequentemente, isso desemboca na dificuldade de aprendizagem dos conteúdos.

Nessa compreensão, é possível dizer que o ensino remoto prejudicou a aprendizagem de grupos menos privilegiados socialmente, como é o caso das mulheres com dupla ou tripla jornada de trabalho. Isso pode acarretar no aumento das desigualdades e a disparidade quanto à formação de profissionais, já que determinados grupos foram mais prejudicados do que outros no ensino remoto.

Dito isso, passaremos a analisar alguns enunciados e suas percepções valorativas sobre o ensino remoto. Para isso, retomaremos algumas respostas dadas ao questionário, especialmente à questão *qual a sua opinião sobre o ensino remoto?* Seguem alguns comentários apreciativos:

ENUNCIADO Nº 10:

Tudo agora funciona nos nossos lares, aqui em casa, mesmo eu tentando manter uma organização e disciplina, há momento que tudo foge do controle, a internet cai, as condições dos aparelhos tecnológicos não são tão adequadas para esse momento, sem contar que atualmente estamos enfrentando um estresse grande, devido as constantes notícias sobre a pandemia e por isso a nossos medos

aumenta ainda mais. No entanto, a universidade decidiu encurtar o tempo dos períodos, mas deixou claro que tem que termos horas na carga horária das disciplinas, levando os professores a colocarem aulas extras com tarefa a serem desenvolvidas pelos discentes, isso fez com que a nossa carga emocional aumentasse ainda mais (Banco de dados da pesquisa).

Conforme notamos neste enunciado, o discente avalia o ensino remoto a partir de sua situação específica (“*aqui em casa...*”, “*mesmo eu tentando...*”). Segundo Bakhtin (2011), o enunciado é a unidade concreta da comunicação discursiva e reflete as condições e finalidades do campo de atividade em que se insere. O enunciado nº 10 reflete os desafios do ensino remoto. Ele evidencia um sujeito enunciador que vive a sobrecarga emocional, tecnológica e acadêmica imposta por esse contexto. O conteúdo temático do enunciado apresenta uma dupla valoração: (i) contexto doméstico e tecnológico: “*Tudo agora funciona nos nossos lares, [...] há momento que tudo foge do controle, a internet cai, as condições dos aparelhos tecnológicos não são tão adequadas*”; (ii) pressões acadêmicas e emocionais: “*Estamos enfrentando um estresse grande, devido às constantes notícias sobre a pandemia [...] a universidade decidiu encurtar o tempo dos períodos [...] nossa carga emocional aumentasse ainda mais*”. O estilo discursivo é marcadamente informal e subjetivo, indicando a expressão direta da experiência vivida pelo sujeito enunciador.

A percepção valorativa, enquanto expressão de posicionamento do sujeito enunciador, é evidente nas escolhas linguísticas que traduzem uma visão de mundo marcada por sentimentos de frustração, sobrecarga e crítica. Primeiro, há um tom de desamparo: o uso de expressões como “*tudo foge do controle*”, “*as condições dos aparelhos tecnológicos não são tão adequadas*”, “*nosso medo aumenta ainda mais*” evidencia uma percepção de vulnerabilidade e impotência diante das dificuldades. Segundo, há uma crítica institucional: ao mencionar que “*a universidade decidiu encurtar o tempo dos períodos*”, mas “*deixou claro que tem que termos horas na carga horária das disciplinas*”, o sujeito enunciador apresenta um julgamento negativo sobre as decisões institucionais. Esse julgamento reflete a tensão entre a exigência institucional e as condições concretas dos estudantes. Terceiro, há uma carga emocional: termos como “*estresse grande*”, “*medo*” e “*carga emocional aumentasse ainda mais*” demonstram uma percepção valorativa centrada nas implicações psicológicas e emocionais do ensino remoto.

Como todo enunciado é responsivo (Bakhtin, 2011), ou seja, responde a discursos e ao contexto social que o circunda, no enunciado nº 10 a responsividade é clara. Primeiro, há uma resposta à universidade, pois o sujeito enunciator responde criticamente às decisões institucionais, avaliando suas consequências práticas e emocionais. Segundo, há uma resposta à pandemia, já que o enunciado reflete um posicionamento emocional diante do contexto pandêmico, marcado por medo e incerteza. Além disso, há uma tomada de posição ativa do sujeito enunciator, que se responsabiliza por sua experiência e a compartilha de forma crítica. O depoimento revela a assinatura autoral de alguém que vivencia diretamente os impactos das condições sociais, tecnológicas e acadêmicas da pandemia.

O enunciado nº 10 em análise estabelece uma relação de acordo com o enunciado nº 3, apresentado a seguir. Mas este amplia e aprecia outros aspectos. Vejamos:

ENUNCIADO Nº 3:

O ensino remoto tem seus pros e seus contras. O pro é que estamos mais seguros em casa devido a Pandemia, obviamente para aqueles que não trabalham. O contra é que ele não foi bem elaborado, visto que os professores, como também os alunos, estão se sentindo sobrecarregados e não estão rendendo. Além do curto tempo, a questão de se colocar três períodos em um ano, ademais com várias disciplinas obrigatórias. Somando-se a isso, a ação de determinados professores que sobrecarregam os alunos com tarefas de níveis mais complexos. Ademais, a instabilidade da rede, para quem tem, observando, também, que não são todos que possuem os mecanismos tecnológicos adequados para estudar (Banco de dados da pesquisa).

O autor do enunciado nº 3 sistematizou suas percepções sobre o ensino remoto em dois aspectos, que ele denominou de “pros” e “contras”. Na primeira categoria, é mencionada uma vantagem do ensino remoto, especificamente a *segurança* em relação à pandemia. Na segunda categoria, são inseridas desvantagens, que envolvem organização, planejamento e condições materiais. O sujeito menciona como aspectos positivos (valorativo positivo): “*Estamos mais seguros em casa devido à Pandemia*”. Esse reconhecimento está condicionado ao contexto de segurança sanitária, embora limitado “*para aqueles que não trabalham*”. Também menciona aspectos negativos (valorativo negativo), como: (i) falhas no planejamento do ensino remoto: “*Ele não foi bem elaborado*”; (ii) pressão acadêmica: “*Três períodos em um ano*”, “*várias disciplinas obrigatórias*”, e “*tarefas de níveis mais complexos*”, apontam para uma crítica às decisões institucionais; e (iii) desigualdade tecnológica: “*Instabilidade da rede*” e “*não são todos*

que possuem os mecanismos tecnológicos adequados", destacam as barreiras de acesso que impactam o aprendizado.

Desse modo, o enunciador adota um tom de denúncia, evidenciando as contradições do ensino remoto e apontando suas consequências práticas. A escolha de palavras como "*sobrecarregados*", "*não foi bem elaborado*" e "*instabilidade*" revela uma postura crítica. Essa tomada de posição reflete a experiência direta do sujeito e sua percepção das condições impostas.

Além disso, o enunciado expõe um conflito claro: enquanto o ensino remoto foi implementado como uma solução emergencial para garantir a continuidade das atividades acadêmicas, ele gerou sobrecarga emocional, desigualdade tecnológica e queda no rendimento tanto de professores quanto de alunos. Assim, o sujeito enunciador explicita essas tensões ao contrapor "*o curto tempo*" e "*tarefas de níveis mais complexos*" às limitações práticas enfrentadas.

Ademais, as percepções dos discentes também caminham no sentido de uma preocupação com a aprendizagem. Vejamos dois enunciados que marcam isso:

ENUNCIADO Nº 137:

O ensino remoto é uma alternativa possível diante do contexto atual, mas não é equivalente ao ensino presencial, pois empobrece o processo de aprendizagem, o torna muito mecânico (Banco de dados da pesquisa).

ENUNCIADO Nº 172:

O ensino remoto evita a disseminação do covid-19, mas afeta de uma forma negativa o aprendizado dos estudantes. Dessa forma, essa forma de ensino à longo prazo provocará impactos profundos na formação dos discentes (Banco de dados da pesquisa).

Os enunciados nº 137 e nº 172 concordam que o ensino remoto foi necessário diante da pandemia. Nos termos dos enunciadores, o ensino remoto é considerado "*uma alternativa possível diante do contexto atual*" (Nº 137) e "*evita a disseminação do covid-19*" (Nº 172). Por outro lado, em contraponto, ambos apresentam aspectos negativos, que funcionam como contra-argumentos, estando marcados pela conjunção adversativa "*mas*".

O enunciado nº 137 destaca a mecanização do processo, apontando para a perda de uma dimensão mais dialógica e interativa do ensino presencial. Por sua vez, o enunciado nº 172 amplia a análise ao prever consequências futuras, indicando uma

preocupação com os impactos a longo prazo na formação acadêmica. Com isso, os enunciados revelam um conflito central: enquanto o ensino remoto surge como uma medida necessária e estratégica para proteger a saúde coletiva, ele compromete a qualidade do aprendizado. Esse conflito está enraizado nas condições de implementação e nas limitações inerentes a essa modalidade de ensino.

A crítica à mecanização (enunciado nº 137) e à formação deficiente (enunciado nº 172) sinaliza a presença de vozes sociais que defendem o ensino presencial como um espaço mais rico para a aprendizagem, em oposição à natureza limitada do ensino remoto. Ambos os enunciados articulam um discurso responsivo que, ao dialogar com justificativas institucionais, denuncia a insuficiência qualitativa dessa modalidade de ensino, apontando para as tensões entre segurança sanitária e qualidade educacional.

Como se percebe, esses enunciados nos colocam diante de uma *posição ativa do falante* (Bakhtin, 2011) no campo do sentido, ou seja, são posições valorativas quanto ao ensino remoto. Parafraseando Bakhtin (2011), os enunciados marcam percepções por um determinado conteúdo semântico-objetual, pelas escolhas dos meios linguísticos e pelas ideias do sujeito do discurso (ou autor) sobre o objeto/tema.

Ademais, os enunciados dos discentes são produtos de um *meio ideológico* que alimenta a consciência dos enunciadores. Isso implica considerar a natureza social dos enunciados. Medviédev (2016) entende o *meio ideológico* como a consciência social de uma dada coletividade. Tal consciência existe enquanto realidade realizada, materializada e exteriormente expressa. Com isso, os enunciados dos discentes são formas materiais de suas consciências realizadas.

As percepções valorativas, portanto, são posições ativo-responsivas. Segundo Nascimento e Silva (2021), o sujeito é responsivo e responsável e assume uma posição valorativa. “Ele é participante ativo dos acontecimentos, conforme se relaciona e interage com outros no meio socialmente tenso de palavras alheias” (Nascimento; Silva, 2021, p. 64). Assim, é no meio social de vozes alheias que o sujeito se constitui e forma sua consciência discursiva, marcando suas percepções valorativas ao tomar a palavra e enunciar.

Ademais, uma reflexão acerca dos dados da pesquisa à luz do contexto pós-pandemia é uma oportunidade crucial para reavaliar o ensino remoto e suas limitações, já que a volta ao ensino presencial não pode ignorar as dificuldades que muitos estudantes enfrentaram durante o período remoto. As desvantagens apontadas por muitos discentes, como a falta de acesso a dispositivos tecnológicos e a dificuldade de conciliar estudo e

trabalho, são reflexos de uma realidade que persiste mesmo após o retorno das aulas presenciais.

Outra reflexão necessária tem a ver com o fato de que muitas instituições de ensino buscam alternativas híbridas ou ensino totalmente a distância. No entanto, os dados da pesquisa mostram que há uma percepção de que o ensino remoto empobrece a qualidade da aprendizagem, conforme enunciado por alguns discentes no estudo. Essa continua a ser uma preocupação válida, especialmente para grupos mais vulneráveis que não possuem o suporte necessário para uma aprendizagem eficaz em plataformas digitais.

Outro aspecto relevante que emerge da análise dos dados do artigo é o impacto psicológico e emocional do ensino remoto sobre os estudantes. Muitos relataram um aumento do estresse e da sobrecarga emocional devido à incerteza trazida pela pandemia, ao aumento das tarefas e à pressão por resultados acadêmicos. Esse ponto é particularmente sensível, pois a pandemia causou impactos emocionais nos estudantes, muitas vezes exacerbados pelas condições de ensino remoto, como a falta de apoio social e as limitações do ambiente doméstico.

Cabe pontuar que um estudo feito acerca do perfil psicoemocional dos estudantes atendidos pelo *Programa Hábitos de Estudos* (PHE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mais precisamente nos semestres 2023.1 e 2023.2, utilizando as informações coletadas diretamente dos participantes do programa, apontou que problemas como ansiedade, estresse e sensação de incapacidade estão entre os mais prevalentes entre os alunos atendidos pelo referido programa. Dados do estudo revelaram que a ansiedade foi mencionada como o principal problema emocional, afetando significativamente o desempenho acadêmico dos estudantes nos semestres analisados (Araújo, 2024).

Essa constatação está alinhada a pesquisas mais amplas sobre saúde mental em contextos universitários, que indicam o aumento de estudantes que apresentam sintomas de ansiedade ou depressão (Araújo, 2024). As pressões acadêmicas, combinadas às mudanças sociais impostas pela pandemia de Covid-19, intensificaram essas dificuldades, especialmente no ensino remoto, onde a falta de interação social e suporte adequado agravou o isolamento e o estresse. O impacto das doenças emocionais é ampliado pela dificuldade dos alunos em gerir o tempo e manter a autodisciplina.

A pesquisa de Araújo (2024) aponta que muitos dos estudantes atendidos pelo PHE têm problemas com procrastinação e organização, os quais estão diretamente associados ao aumento da ansiedade e à queda do desempenho acadêmico. O estudo

mostra outros dados extremamente preocupantes, como o significativo número de estudantes com sentimento de solidão e ideação suicida. Isso evidencia a necessidade de estratégias educacionais que promovam não apenas a aprendizagem, mas também a saúde emocional dos estudantes.

Portanto, ao pensar o pós-ensino remoto, é essencial que as instituições de ensino ofereçam apoio psicológico e estratégias de bem-estar para os estudantes, especialmente aqueles que enfrentaram as maiores dificuldades durante a pandemia. Além disso, os professores também precisam ser preparados para lidar com as questões emocionais dos estudantes, garantindo que as interações presenciais não apenas busquem recuperar conteúdos, mas também promover o bem-estar emocional e o desenvolvimento pessoal dos alunos.

A sobrecarga emocional e as dificuldades de conciliar múltiplos papéis (estudo, trabalho e afazeres domésticos), como relatado por algumas discentes, podem persistir mesmo com a adoção de novos modelos. O estresse e as exigências de tempo continuam sendo fatores relevantes, especialmente para estudantes de classes populares ou mulheres, que são as mais impactadas pela tripla jornada de trabalho (estudo, trabalho doméstico e trabalho remunerado).

Considerações finais

O presente estudo possibilitou conhecer os impactos causados pela pandemia no processo de ensino-aprendizado, identificando vantagens e desvantagens do ensino remoto na perspectiva dos discentes. Além disso, analisou valorações/apreciações dos discentes quanto ao ensino remoto. Na análise empreendida, foi possível constatar alguns entraves na realização do ensino remoto, que incluem aspectos materiais, como falta de recursos tecnológicos adequados e, também, entraves no que compreende às interações entre discentes e docentes no processo de construção de saberes via plataformas digitais.

A pesquisa mostrou as percepções, avaliações, (in)satisfações (pontos positivos e/ou negativos) de discentes, a partir das experiências construídas no ensino remoto. As vantagens principais apontadas foram: a diminuição dos riscos de contaminação pela Covid-19; a dispensa de deslocamento para o *campus*; a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, considerando a flexibilização para organizar cronograma de estudo; e a possibilidade do desenvolvimento de habilidades para utilizar ferramentas tecnológicas.

Quanto às desvantagens, de modo específico, os discentes apontaram problemas

de acesso à internet de qualidade, falta de recursos tecnológicos, sobrecarga de trabalho, problemas para conciliar trabalho e estudo, falta de concentração e ansiedade, entre outros problemas enfrentados durante o ensino remoto. Além disso, com base nos dados, destacamos a dificuldade de conciliar trabalho e estudo, que, possivelmente, revela a situação mais crítica das mulheres na pandemia. Desse modo, ressaltamos que as desvantagens não têm o mesmo peso para homens e mulheres, pois são as mulheres que, muitas vezes, precisam acumular jornada tripla (trabalho fora de casa, trabalho doméstico, estudo).

A partir dos dados, argumentamos, também, que o ensino remoto prejudicou a aprendizagem de grupos menos privilegiados socialmente. As desigualdades de condições materiais, juntamente com a disparidade de privilégios, no ensino remoto, aumentaram o fosso das desigualdades sociais.

O ensino remoto, embora emergencial, evidenciou desigualdades preexistentes e introduziu novas dificuldades, como a limitação do acesso à tecnologia e a intensificação do estresse emocional entre os estudantes. Conforme destacado, problemas emocionais, como ansiedade, sentimento de solidão, ideação suicida, estresse e sensação de incapacidade, são recorrentes entre alunos no pós-pandemia, evidenciando a necessidade urgente de estratégias educacionais e de bem-estar que considerem a saúde mental como componente essencial para a permanência e o sucesso acadêmico.

Portanto, as instituições de ensino devem integrar de forma estratégica as lições aprendidas durante a pandemia na formulação de políticas educacionais que priorizem a equidade e o bem-estar. Iniciativas que envolvam o apoio emocional podem não apenas melhorar o desempenho acadêmico, mas também promover um ambiente de aprendizagem mais humano e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Wilany Medeiros de. **A relevância do Programa Hábitos de Estudo (PHE) no processo formativo de estudantes da UFRN**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2024.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1995.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

GARCIA, Tânia Cristina Meire; MORAIS, Ione Rodrigues Diziz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial**: proposta de design para organização de aulas. UFRN. Natal: SEDIS, (s/d).

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed., São Paulo: Contexto, 2016.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; GARCIA, Tânia Cristina Meire; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes; ZAROS, Lilian Giotto; GOMES, Apuena Vieira. **Ensino remoto emergencial**: orientações básicas para elaboração do plano de aula. UFRN. Natal: SEDIS, (s/d).

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, 2020.

NASCIMENTO, I. A. A.; SILVA, Y. R. M. O evento “Ensino Remoto”: percepções valorativas de docentes do CERES. **Open Minds International Journal**. vol. 2, n. 3, p. 60-72, set, out, nov, dez/2021.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Educação na pandemia da Covid-19: garantia de dias letivos ou de aprendizado necessário? **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, ano III, vol.5, n.15, p. 34-37, 2021.

SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos; REIS, Júlio Paulo Cabral dos; MÉRIDA, Esther Caldino; RANGEL, Edwin Lamerto Flores; FRICH, Adriana Andrade. Educação Superior: Reflexões a partir do advento da pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, ano III, vol.5, n.15, p.108-114, 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade (BRASÍLIA)**, v. 67, p. 36-49. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 023/2020-CONSEPE, de 01 de junho de 2020**. Natal: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE. 2020. Disponível em: https://sigrh.ufrn.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf . Acesso em: 10 de junho de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **RESOLUÇÃO Nº 130/2018-CONSEPE, de 28 de agosto de 2018**. Natal: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE. 2020. Disponível em: https://sigrh.ufrn.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf . Acesso em: 07 de junho de 2020.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica (1926). *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 71-100.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaievich. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1. ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Como referenciar este artigo:

NASCIMENTO, Iderlândio Assis de Andrade; SILVA, Yasmin Rayane Mariz da. O ensino remoto na UFRN: percepções de discentes do CERES. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 217-239, 2025.

Submetido em: 10/03/2022

Aprovado em: 07/02/2025